

A IDENTIDADE PROFISSIONAL DA ENFERMEIRA: A VISÃO DA EQUIPE MULTIPROFISSIONAL

Juliana Guisardi Pereira¹, Maria Amélia de Campos Oliveira²

Introdução:

As amplas transformações sociais e econômicas da atualidade, com alterações no mundo do trabalho e, especificamente, no setor saúde, vêm exigindo novos perfis profissionais e, por conseguinte, gerando impactos nas identidades profissionais. A noção de identidade comporta uma dualidade social que compreende, por um lado, “atos de atribuição” (identidade para si) e, por outro, “atos de pertencimento” (identidade para o outro). Os atos de atribuição buscam definir o tipo de pessoa que se é incluindo desde a etnia, o estado civil, as designações profissionais; já os atos de pertencimento expressam o tipo de pessoa que se quer ser. No contexto profissional da enfermeira, no Brasil, assistimos nas últimas décadas a uma inversão da concentração do local de inserção, que passa a ser predominantemente na Atenção Primária. Outrossim, na Estratégia Saúde da Família (ESF), onde estima-se que 11% das enfermeiras do país estejam em atuação, o âmbito da prática vem sendo ampliado. A organização do trabalho nesse modelo assistencial propõe que a enfermeira exerça atividades que envolvem desde a coordenação da equipe de Enfermagem até a assistência direta, diferentemente do que ocorria tradicionalmente nas instituições tanto públicas quanto privadas onde essa profissional vinha desenvolvendo seu trabalho. Já é tempo, portanto, de examinarmos os impactos dessas mudanças na identidade profissional das enfermeiras.

Objetivo:

Analisar a identidade profissional das enfermeiras da Estratégia Saúde da Família na perspectiva dos profissionais de uma equipe do Núcleo de Apoio à Saúde da Família (NASF).

Descrição metodológica:

Tratou-se de uma pesquisa qualitativa, descritiva e exploratória, cujos dados foram coletados através de entrevistas semiestruturadas com 10 integrantes de uma equipe NASF, de categorias profissionais distintas, que atuam numa Coordenadoria de Saúde do município de São Paulo. As entrevistas foram submetidas à categorização pela análise de discurso e analisadas segundo a Hermenêutica Dialética. São apresentados resultados parciais dessa pesquisa.

Resultados:

O tempo médio de formação profissional entre os entrevistados foi 12 anos, variando de 7 – 16 anos; o tempo médio de atuação na ESF foi 5 anos, com variação de 3 – 11 anos; todos possuíam pós-graduação *strito latu* e apenas 03 *strito senso*. Sobressaiu-se, nos discursos dos entrevistados, a identidade da enfermeira como

¹ Enfermeira, doutoranda em Ciências pelo Programa de Pós-graduação em Enfermagem da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil. E-mail: juguisardi@usp.br

² Enfermeira, doutora, Professora Titular do Departamento de Enfermagem em Saúde Coletiva da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo. E-mail: macampos@usp.br

administradora do cuidado e do processo de trabalho da equipe e da unidade de saúde; *referência da equipe* junto à comunidade, *educadora em saúde*, e *provedora da assistência* nos níveis de promoção, prevenção, cura e reabilitação.

Discussão: No processo de trabalho da enfermeira, ao cuidar das famílias no território, estabelece-se uma relação personificada e, portanto, significativa desta profissional com os usuários e famílias, de forma que a enfermeira torna-se um profissional de referência no serviço, especialmente para aqueles mais assíduos da Unidade Básica de Saúde (UBS). A enfermeira torna-se uma profissional disponível para realizar a escuta, propiciando uma possibilidade de aproximação com a comunidade. A imagem do enfermeiro que se passa a projetar é a de alguém que acompanha o outro em sua trajetória de saúde/doença. A finalidade do cuidado prestado pela enfermeira deixa de ser um fim em si – como o era no papel de auxiliar de médico – e passa a ser compreendido como um meio. O usuário passa a ser entendido, para a Enfermagem, como o centro da ação profissional, agora não restrito ao quadro de doença, mas também na perspectiva da promoção da saúde e da prevenção de doenças. A competência gerencial do trabalho da enfermeira, reiterada nas Diretrizes Curriculares Nacionais, permanece como função específica dessa profissional, responsável pelo gerenciamento do cuidado e pelo funcionamento da UBS. Entretanto, o ônus que tal função acarreta talvez explique sua pouca disponibilidade para realização das ações de promoção da saúde e prevenção das doenças, incluindo ações de educação em saúde. Embora não se deixe de reconhecer que a ampliação do escopo da sua prática, passando a realizar consultas, prescrever medicações, dentre outros, passou a valorizá-la enquanto profissional competente e capaz de atender a muitas demandas do usuário.

Conclusão:

O cuidado de enfermagem é construído na prática diária, mobilizando o profissional a realizar uma ação que compreende a si próprio, a relação com o outro e as condições nas quais esse trabalho é feito. Esses mecanismos envolvem o papel prescrito da enfermeira pela instituição e a posição por ela ocupada na divisão trabalho, bem como a forma como reelabora as referências que tem da profissão. Em contraposição a uma fonte de identificação anterior das enfermeiras, assente no auxílio ao trabalho médico e nos valores, princípios e regras das instituições hospitalares, a enfermeira vai, gradualmente se transformando em “mini-médico”, fato que a torna socialmente mais valorizada, apesar da menor autonomia e do menor salário. Entretanto, na identidade para o outro é possível identificar o reconhecimento das especificidades de seu trabalho, como a escuta, o gerenciamento do processo de trabalho, a educação em saúde e a promoção da saúde. Muitas dessas ações emergem e se estabelecem como iniciativa dos próprios enfermeiros, indo para além do que está prescrito.

Contribuições / implicações para a Enfermagem:

Na luta pela afirmação e o reconhecimento profissional, a enfermeira continua em busca de uma imagem de si condizente com a concretude de seu trabalho. A

¹ Enfermeira, doutoranda em Ciências pelo Programa de Pós-graduação em Enfermagem da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil. E-mail: juguisardi@usp.br

² Enfermeira, doutora, Professora Titular do Departamento de Enfermagem em Saúde Coletiva da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo. E-mail: macampos@usp.br

negociação de novas identidades é perpassada por diversas lógicas: a das necessidades e problemas de saúde, em que a saúde é um direito de cidadania e um dever do Estado, mas também pela lógica do mercado, em que a saúde é uma mercadoria. Essa pesquisa revelou elementos que sinalizam para uma possibilidade de reconstrução identitária, de transformação da identidade para si (o que a enfermeira pensa sobre si mesma e seu trabalho) e a identidade para o outro (o que os usuários dos serviços e demais profissionais da saúde pensam sobre a enfermeira e seu trabalho).

Referências:

ANTUNES, R. Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. São Paulo: Boitempo Editorial, 1999.

BACKES, D. S. et al. O papel profissional do enfermeiro no Sistema Único de Saúde: da saúde comunitária à estratégia de saúde da família. **Ciência e Saúde Coletiva**, 2012; XVII(1):223-230.

D'ESPINEY ML. Enfermagem: de velhos percursos a novos caminhos. Sísifo / Revista de ciências da Educação. N.6, maio-agosto, p 07-20, 2006.

DUBAR C. **A socialização**: a construção das identidades sociais e profissionais. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

DUBAR, C. **A crise das identidades**: a interpretação de uma mutação. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

Descritores: Enfermagem, Prática Profissional, Atenção Primária à Saúde

Trabalho vinculado ao Eixo Temático II – Formação em Enfermagem e o cenário atual do trabalho em saúde nacional e internacionalmente: discrepância entre o desejo da competência profissional e a demanda do mercado de trabalho;

¹ Enfermeira, doutoranda em Ciências pelo Programa de Pós-graduação em Enfermagem da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil. E-mail: juguisardi@usp.br

² Enfermeira, doutora, Professora Titular do Departamento de Enfermagem em Saúde Coletiva da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo. E-mail: macampos@usp.br